

1. MERCADO NACIONAL

1.1 FEIJÃO COMUM

No mercado atacadista de São Paulo, o mercado esteve calmo por conta da continuidade das colheitas na Região Centro-Sul do país, e da retração nas compras pelos empacotadores. Observou-se um expressivo aumento na oferta e na qualidade do produto - mais secos e de coloração mais clara, e um expressivo estreitamento nos valores entre os tipos.

O volume de vendas foi considerado bom, mas o referido incremento na oferta influenciou negativamente na cotação de todo o grupo que acabou recuando gradativamente ao longo do mês. Apesar da boa procura pelo produto de melhor qualidade, o carioca extra foi o tipo que apresentou maior queda de preço, explicado, em parte, pela grande diferença de valores, quando comparados aos demais tipos.

Assim, a saca da mercadoria nota 9,5 passou do início de maio para o início de julho, de R\$ 150,00 para R\$ 112,50, o que representa uma queda de 25,0%, ou menos R\$ 37,50. Já o produto comercial nota 7,5, no mesmo período, passou de R\$ 90,00 para R\$ 75,00, -16,7%, ou menos R\$ 15,00.

Da mesma forma, nas zonas de produção, a situação de preços se estendeu negativamente aos produtores, e, nas principais praças de comercialização, o grão apresentou ligeira desvalorização.

Em virtude da fraca demanda, a oferta continua sendo suficiente para atender ao abastecimento dos mercados consumidores, e não se esperam, até o fim de julho, alterações significativas nos preços.

Desta forma, e diante do atual quadro de mercado, as perspectivas de melhoria dos preços ficam atreladas aos seguintes fatos:

- Com o baixo estoque da produção da 2ª safra, a partir de julho, aliado à expressiva queda que vem ocorrendo nas cotações do produto, provavelmente haverá uma maior demanda pelo grão;

- Provável recuperação do consumo a partir do mês de agosto, com o término das férias escolares;

- Desenvolvimento da 3ª safra, na Região Nordeste da Bahia, altamente dependente do clima. Esta safra participa com mais de 22% da produção de inverno, e complementa o abastecimento interno do país até o mês de outubro.

O décimo levantamento da safra 2017/2018, divulgado no dia 10 de julho, pela Conab, estimou, para a 2ª safra, ou safra da seca, um aumento de 7,6% na área plantada e uma produção de 1.293,2 mil toneladas, superior em 7,7% à registrada na safra anterior. Cabe mencionar que na Região Centro-Sul do país o trabalho indica reduções de 2,8%, na superfície semeada, e de 4,1% na produção. Por outro lado, no Norte/Nordeste do Brasil, observa-se um forte incremento na área e no volume a ser colhido de, respectivamente, 17,6% e 48,2%, sobre a frustrada safra de 2017.

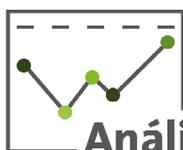
A colheita vai avançando nas Regiões Centro-Oeste, Sudeste, no Estado de Rondônia e, em fase final, nos Estados do Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul. Em julho começa a ser colhida às áreas irrigadas provenientes da 3ª safra e, posteriormente, às conduzidas no regime de sequeiro.

Dos Estados do Sul do Brasil, o Paraná é o único que cultiva a 3ª safra. O plantio é conduzido no regime de sequeiro, com alto risco, se concentra nas regiões norte e nordeste do estado. A região de Ivaiporã é, no momento, a principal produtora da 3ª safra paranaense, responsável por 27% do volume de produção. A colheita, no Paraná, teve início neste mês de junho, com cerca de 10% da área, e deverá se estender até o mês de setembro.

Doravante, para uma melhor avaliação quanto à formação do preço, a atenção estará voltada para o clima na região nordeste da Bahia, que apresenta, até o momento, chuvas normais e bem distribuídas, e do volume a ser colhido nas áreas irrigadas. Essas lavouras estão em estágios bastante diversificados, desde o desenvolvimento vegetativo a início de colheita.

Na região nordeste da Bahia, importante polo produtor, predomina o cultivo de feijão consorciado com o milho. Observou-se uma pequena redução na área plantada em relação à safra anterior, em detrimento ao milho. Esta migração foi ocasionada pelas melhores condições de mercado, e, principalmente, pela oferta de crédito dos bancos oficiais.

Na Bahia, as lavouras atravessam o estágio final de desenvolvimento vegetativo.



Análise MENSAL

Feijão

JUNHO DE 2018

No mês de julho, a leguminosa entra em floração, período crítico das lavouras, quando as plantas mais se ressentem da falta de água. Se tudo correr bem, como vem acontecendo, a safra será boa e contribuirá, de forma significativa, para o abastecimento interno nos meses de agosto a outubro, quando a partir daí, começa a entrar no mercado a produção da 1ª safra, ou safra das águas, no Sul do país, da temporada 2018/2019.

Mesmo cientes da menor produção, compradores não estão dispostos a empatar capital na formação de estoques, mesmo que seja pequeno, devido ao fraco giro da mercadoria. Eles alegam que reação nos preços do produto só ocorrerá se houver aquecimento na demanda, o que, no momento, está descartado, devido ao baixo consumo. Segundo alguns compradores, como as vendas junto aos varejistas continuam fracas, muitos comerciantes estão adquirindo apenas o necessário para saldar compromissos.

1.2 FEIJÃO PRETO

O mercado está acomodado apesar da menor oferta do produto nacional, com o final da colheita no Sul do país, no mês de junho. O consumo está retraído nas principais praças de consumo e a saca do produto extranovo, no atacado paulista, segue cotada em R\$ 112,50, e o especial em R\$ 102,50.

A partir do mês de julho o Brasil passa por um período de entressafra. Nessa ocasião, geralmente ocorre uma expectativa de reação dos preços, quando o produto nacional foi praticamente consumido e o Brasil passa a depender de importações, especialmente da Argentina. Dependendo do montante de mercadorias a ser internalizada, poderá pressionar ainda mais os preços. Entretanto, o que vai determinar a cotação do produto é a procura.

Cabe esclarecer que, as indústrias brasileiras que trabalham com a mercadoria “top de linha” estão com dificuldades de encontrar aqui produtos de boa qualidade, vez

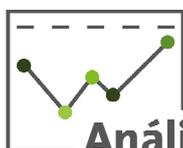
Os riscos climáticos, a baixa remuneração do produto, e as boas perspectivas de mercados para outras culturas, como o milho e a soja, vem desestimulando os produtores. Eles estão apreensivos com a atual condição de preços do produto que, em algumas localidades, estão abaixo do custo de produção, inviabilizando a permanência no setor.

O plantio da safra das águas começa em agosto no Sul do país e, nessa safra, predomina o cultivo de feijão comum preto. Diante deste fato, mais a elevada importação do produto e a forte competitividade com as culturas da soja e do milho, a expectativa, embora prematura, é de retração no plantio. Assim, a valorização nos preços é importante para estimular o plantio da próxima safra, e evitar ou minimizar a migração dos produtores para as culturas mencionadas.

que boa parte da produção foi prejudicada por adversidades climáticas.

O mercado presenciou nesses últimos dias uma leve redução nas cotações. Porém, os preços continuam remuneradores, ainda acima do feijão carioca, e o seu comportamento está diretamente relacionado ao preço e quantidade do produto disponível na Argentina. Sobre esse excedente exportável da Argentina, há interesse de compra de outros países como: Venezuela, Costa Rica, e o Canadá, a preços mais vantajosos que os praticados no mercado interno.

O quadro pode ser ainda mais favorável para os produtores nacionais, tendo em vista que pode haver um aumento da demanda internacional sobre o produto de origem argentina.



Análise MENSAL

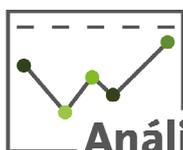
Feijão

JUNHO DE 2018

QUADRO 1 – FEIJÃO 2ª SAFRA – COMPARATIVO DE ÁREA, PRODUTIVIDADE E PRODUÇÃO – SAFRAS 2016/17 E 2017/18

Região/UF	Área (em mil ha)			Produtividade (em kg/ha)			Produção (em mil t)		
	Safra 16/17 (a)	Safra 17/18 (b)	VAR % (b/a)	Safra 16/17 (c)	Safra 17/18 (d)	VAR % (d/c)	Safra 16/17 (e)	Safra 17/18 (f)	VAR % (e/f)
Norte	55,9	47,5	(15,0)	1.171	963	(17,8)	65,4	45,8	(30,0)
RO	19,3	14,4	(25,4)	971	851	(12,4)	18,7	12,3	(34,2)
AC	7,6	7,6	-	593	605	2,1	4,5	4,6	2,2
AM	3,8	3,1	(18,4)	1.239	900	(27,4)	4,7	2,8	(40,4)
AP	1,4	1,4	-	944	993	5,2	1,3	1,4	7,7
TO	23,8	21,0	(11,8)	1.520	1.175	(22,7)	36,2	24,7	(31,8)
Nordeste	669,0	805,2	20,4	307	442	43,7	205,6	355,9	73,1
MA	51,4	52,7	2,5	699	702	0,4	35,9	37,0	3,1
PI	6,3	5,4	(14,3)	572	621	8,6	3,6	3,4	(5,6)
CE	407,0	401,2	(1,4)	292	341	16,9	118,8	136,9	15,2
RN	35,8	45,1	26,0	347	382	10,1	12,4	17,2	38,7
PB	90,0	109,0	21,1	316	480	51,8	28,4	52,3	84,2
PE	78,5	131,8	67,9	83	304	266,4	6,5	40,1	516,9
BA	-	60,0	-	-	1.150	-	-	69,0	-
Centro-Oeste	276,6	309,6	11,9	1.264	1.191	(5,7)	349,6	368,7	5,5
MT	230,7	242,4	5,1	1.172	1.117	(4,7)	270,3	270,7	0,1
MS	26,0	26,0	-	1.692	1.500	(11,4)	44,0	39,0	(11,4)
GO	19,0	40,1	111,1	1.750	1.427	(18,4)	33,3	57,2	71,8
DF	0,9	1,1	22,2	2.189	1.668	(23,8)	2,0	1,8	(10,0)
Sudeste	138,8	136,5	(1,7)	1.367	1.384	1,3	189,7	189,0	(0,4)
MT	116,8	112,9	(3,3)	1.331	1.384	4,0	155,4	156,2	0,5
MS	6,1	8,6	41,0	1.049	924	(11,9)	6,4	8,0	25,0
GO	1,2	1,0	(16,7)	1.008	962	(4,6)	1,2	1,0	(16,7)
DF	14,7	14,0	(4,8)	1.815	1.701	(6,3)	26,7	23,8	(10,9)
Sul	286,6	236,4	(17,5)	1.363	1.412	3,6	390,6	333,8	(14,5)
PR	249,0	199,8	(19,8)	1.370	1.378	0,6	341,2	275,4	(19,3)
SC	18,3	17,3	(5,5)	1.417	1.533	8,2	25,9	26,5	2,3
RS	19,3	19,3	-	1.220	1.654	35,6	23,5	31,9	35,7
Norte/Nordeste	724,9	852,7	17,6	374	471	25,9	271,0	401,7	48,2
Centro-Sul	702,0	682,5	(2,8)	1.325	1.306	(1,4)	929,9	891,5	(4,1)
Brasil	1.426,9	1.535,2	7,6	842	842	0,1	1.200,9	1.293,2	7,7

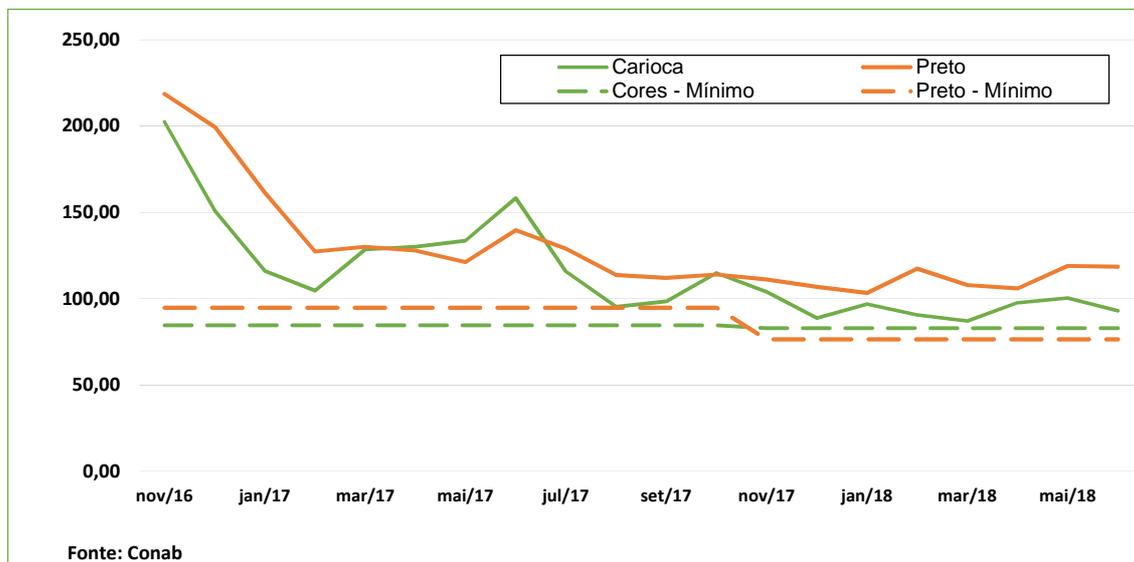
Fonte: Conab - Nota: Estimativa de junho/2018.



Feijão

JUNHO DE 2018

GRÁFICO 1 – PREÇOS RECEBIDOS PELOS PRODUTORES NO PARANÁ – R\$/60 KG

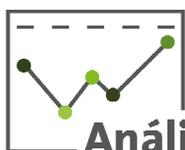


Fonte: Conab. Dados referente a junho/2018.

1.3 VAREJO

O varejo é o principal elo da cadeia produtiva que tem dificultado uma maior comercialização, e nem mesmo a expressiva redução dos preços verificada nas gôndolas dos estabelecimentos comerciais, foi suficiente para alavancar as vendas. Diante deste fato, os empacotadores estão negociando de

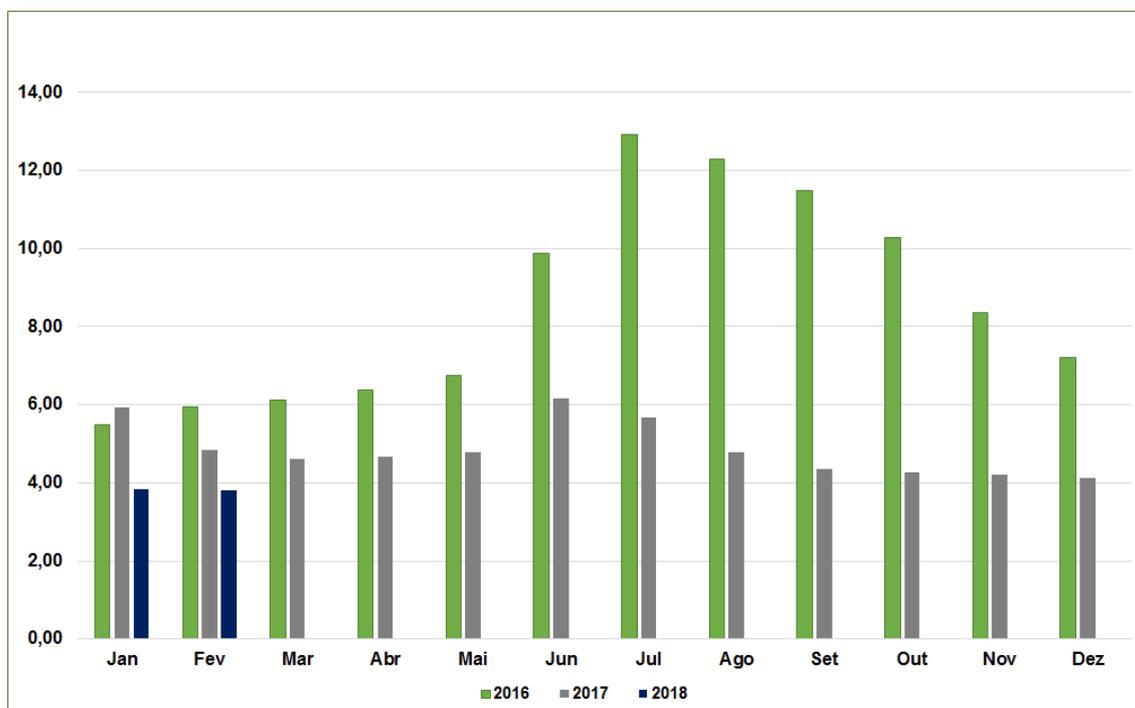
acordo com as suas necessidades de abastecimento, mesmo cientes de que os estoques ainda estão baixos, com o risco do produto ficar mais caro diante do quadro de oferta bastante ajustado.



Feijão

JUNHO DE 2018

GRÁFICO 2 – VAREJO – PREÇOS DO FEIJÃO CARIOCA EM SÃO PAULO – R\$/KG



Fonte: Dieese

1.4 SUPRIMENTO

Para a temporada em curso - 2017/2018 prevê-se o seguinte cenário: computando as três safras, o trabalho de campo realizado por técnicos da Conab em maio, chega em um volume médio de produção, estimado em 3,31 milhões de toneladas, 2,7% inferior a colheita anterior.

consumo em 3.3 milhões de toneladas, as importações em 120,0 mil toneladas e as exportações de 120,0 mil toneladas, o resultado será um estoque de passagem da ordem de 310,6 mil toneladas, correspondendo, em torno de 1 (um) mês de consumo.

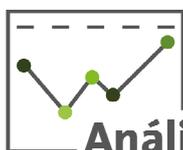
Neste cenário, partindo-se do estoque inicial de 302,6 mil toneladas, o

QUADRO 2 – SUPRIMENTO DE FEIJÃO - EM MIL TONELADAS

Safra	Estoque inicial	Produção	Importação	Suprimento	Consumo	Exportação	Estoque final
2009/10	317,7	3.322,5	181,2	3.821,4	3.450,0	4,5	366,9
2010/11	366,9	3.732,8	207,1	4.306,8	3.600,0	20,4	686,4
2011/12	686,4	2.918,4	312,3	3.917,1	3.500,0	43,3	373,8
2012/13	373,8	2.806,3	304,4	3.484,5	3.320,0	35,3	129,2
2013/14	129,2	3.453,7	135,9	3.718,8	3.350,0	65,0	303,8
2014/15	303,8	3.210,2	156,7	3.670,7	3.350,0	122,6	198,1
2015/16	198,1	2.512,9	325,0	3.036,0	2.800,0	50,0	186,0
2016/17(*)	186,0	3.399,5	137,6	3.723,1	3.300,0	120,5	302,6
2017/18(*)	302,6	3.308,0	120,0	3.730,6	3.300,0	120,0	310,6

Fonte: Conab/Secex

(*) Dados estimados em junho de 2018



Análise MENSAL

Feijão

JUNHO DE 2018

1.5 RENTABILIDADE

Nesta 2ª safra, em Ponta Grossa, maior produtor de feijão carioca do estado do Paraná, o custo médio de produção estimado pela Conab em janeiro/18 é de R\$ 2.718,25 por hectare. Considerando uma produtividade média por hectare de 2.000 kg, comercializadas ao preço médio de junho, estimado em R\$ 88,30/saca, chega-se a uma receita bruta de R\$ 2.943,33. Assim, o agricultor terá em relação ao custo variável de produção uma rentabilidade positiva de R\$ 225,08 ou R\$ 6,75 por saca.

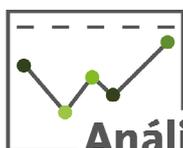
Levando-se em consideração o volume de produção estimado para a 2ª safra, no Paraná, era de se esperar um mercado firme com os preços se situando bem acima dos que vem sendo praticados. Para se ter uma ideia, naquele estado, em junho de 2017, com uma produção superior em 33,3% a atual, os preços recebidos pelos produtores, na primeira, semana atingiram em média a cifra de R\$ 190,63/sc, recuando gradativamente até o final do mês, cotado em R\$ 136,83/sc.

Assim, o mercado opera de forma atípica, contrariando os seus fundamentos, e algumas das explicações para tal comportamento são:

- Queda no consumo - Desde 2016, quando os preços do pacote de 1 kg, em vários estabelecimentos comerciais, atingiram patamares acima de R\$ 13,00, muitos consumidores optaram por outros tipos de alimentos em detrimento ao feijão. Posteriormente, os preços entraram em trajetória de queda e, apesar da expressiva redução dos preços, não houve uma recuperação total da demanda;

- Clima na Região Nordeste – O clima favorável contribuiu para uma produção superior em 155 mil toneladas, quando comparada à safra anterior. Essa Região não é autossuficiente na produção, e dependente de mercadorias produzidas em outros estados da Região Centro-Sul do país. Contudo, esse resultado está contribuindo para uma menor importação do feijão carioca, que complementa o seu abastecimento;

- Feijão caupi – Em 2017, os baixos preços praticados no Estado do Mato Grosso, desestimularam, em parte, as exportações programadas desse produto para outros países, gerando um aumento no estoque interno. Neste ano, está sendo direcionada uma maior quantidade desse grão para a Região Nordeste, pelo valor mais atrativo em comparação ao carioca, e por ser um produto típico de consumo nordestino.



Análise MENSAL

Feijão

JUNHO DE 2018

QUADRO 7 – ANÁLISE DE RENTABILIDADE FEIJÃO 2ª SAFRA EM R\$/HÁ – PONTA GROSSA (PR) – BASEADO NO CUSTO DE PRODUÇÃO DE JAN/2018.

Preço (R\$/60kg)	88,30
Produtividade do pacote (kg/ha)	2.000
Análise financeira	
A - Receita bruta (I*II)	2.943,33
B – Despesas:	
B1 – Despesas de custeio (DC)	2.342,12
B2 – Custos variáveis (CV)	2.718,25
B3 – Custo operacional (CO)	3.068,31
a)– Margem bruta s/ DC (A - B1)	601,21
b)– Margem bruta s/ CV (A - B2)	225,08
c)– Margem líquida s/ CO (A - B4)	-124,98
Indicadores	
Receita sobre o Custeio (A / B1)	1,26
Receita sobre o Custo Variável (A / B2)	1,08
Receita sobre o Custo Operacional (A / B3)	0,96
Margem bruta (DC) / Receita (a / A)	20,43%
Margem bruta (CV) / Receita (b / A)	7,65%
Margem líquida (CO) / Receita (c / A)	-4,25%

Fonte: Sistema de Custos da Conab/Siagro

1.6 TENDÊNCIAS DO MERCADO BRASILEIRO

FATORES DE ALTA	FATORES DE BAIXA
Menor produção nas duas primeiras safras, na Região Centro-Sul do país, em relação as safras anteriores.	Aumento da oferta da 2ª safra, e início da colheita da safra irrigada. Período de férias escolares em julho. Queda no consumo.
Expectativa: Preços com tendência de alta.	

2. DESTAQUE DO ANALISTA

A 2ª safra está chegando ao fim, mas boa parte produção resta para ser comercializada; e a partir deste mês de julho começa a colheita da safra de inverno. Assim, diante do aumento da oferta e do baixo consumo, não se vislumbra, em curto prazo, perspectivas de evolução dos preços. Contudo, tomando-se como parâmetro o quadro de suprimento, nota-se que o volume total disponível para alcançar a 1ª safra da próxima temporada – 2018/2019, talvez não seja suficiente para manter, a contento, o abastecimento interno, a não ser que o consumo caia ainda mais.